

## Editorial

# As bases do amor materno, fundamento da melancolia\*<sup>1</sup>

Manoel Tosta Berlinck\*<sup>2</sup>

No dia 11 de janeiro de 1911, Margarete Hilferding proferiu uma conferência sobre “As bases do amor materno”, na Sociedade Psicanalítica de Viena para um público composto de vinte homens, incluindo Sigmund Freud.

Hilferding foi a primeira mulher aceita e reconhecida como psicanalista e a surpreendente reflexão que apresentou naquela reunião produziu intensas reações em seus ouvintes.

A principal proposição, inovadora e ainda hoje controversa, apresentada por Margarete Hilferding (Hilferding, Pinheiro & Vianna, 1991) é a de que o bebê representa para a mãe um objeto sexual natural.

Acontece frequentemente, diz ela, que mães que muito se alegraram com a ideia de que um filho iria nascer ficam decepcionadas quando ele nasce e não experimentam verdadeiro sentimento de amor materno. Se esse sentimento aparece, no entanto mais tarde, tem-se a impressão de que não são tantos os fatores fisiológicos que desempenham papel decisivo: certa compaixão, a convenção que exige amor por parte da mãe etc. Esses fatores psicológicos são encontrados como substitutos do amor materno fisiológico, mais particularmente nas esferas educadas. (p. 89)

Por outro lado, prossegue Hilferding, seria de se esperar que o amor materno aparecesse imediatamente após o nascimento ou mesmo antes. Ora,

\*<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Mesa-Redonda “Ódio e fuga na melancolia”, sob coordenação da Profa. Dra. Ana Cecília Magtaz no 6º. Congresso Norte Nordeste de Psicologia, Universidade Federal do Pará, 6 a 9 de maio de 2009, em Belém, PA, Brasil.

\*<sup>2</sup> Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP (São Paulo, SP, Br).

esse não é o caso. Ao contrário, a ausência de amor materno frequentemente se exprime pela recusa em amamentar a criança ou pela intenção de não ficar com ela. Se, no entanto, consegue-se, através de algum truque qualquer, colocar a criança no seio da mãe, é frequente que ela não queira mais se separar da criança. (p. 89)

A ausência do amor materno pode se apresentar sob outra forma e se expressar por atos diretamente hostis em relação à criança; na nossa vida social, ganham, por um lado, a forma de infanticídio e, por outro lado, de sevícias exercidas sobre a criança. (p. 90)

Margarete Hilferding inaugura, dessa forma, uma longa e rica tradição de estudos sobre a natureza da relação mãe-bebê.

Sua conferência produziu, também, outras repercussões no pensamento de Freud, que levaram à pesquisa sobre a constituição do aparelho psíquico e, mais precisamente, ao narcisismo e à origem do superego.

Antes, porém, de considerar algumas das consequências do trabalho de Hilferding para a metapsicologia psicanalítica, é necessário considerar o que ela quis dizer com “O bebê representa para a mãe um objeto sexual natural”.

Essa frase é, na verdade, fundamental para toda a psicanálise freudiana. Ela se refere à natureza “pré-humana” do humano, ou seja, o pressuposto básico segundo o qual o humano é uma espécie animal pertencente à natureza. O psiquismo, manifestação específica dessa espécie, é, para Freud, uma vicissitude da evolução, resultado do acaso e da necessidade. O psiquismo e suas manifestações não compõem, assim, uma metafísica, ou seja, um âmbito separado e distinto da física do humano. Ao contrário, essa delirante distinção é produto de uma ideologia historicamente datada, formulada de maneira clara e precisa por Descartes. A psicanálise freudiana não é uma metafísica, pois o físico e o psiquismo não se separam nunca. Todas as manifestações psíquicas, sem exceção, fazem parte da física, ou seja, daquilo que se denomina “corpo”. O ego, por exemplo, é, segundo Freud, sempre corporal. Não se trata, portanto, de manifestação metafísica do corporal. Não há, conseqüentemente, na psicanálise freudiana, lugar para uma psicossomática, pois o psíquico é sempre somático. Com isso é possível se dizer que Id, Ego e Superego são físicos, ou seja, corporais, e são manifestações do corporal.

A própria noção de corpo, em Freud (1998), é física e não supõe um organismo, noção que se deriva do físico.

Formulando o bebê como objeto sexual natural da mãe, Hilferding supõe que este é parte do físico da mãe. Todas as representações feitas pela mãe a respeito do bebê são manifestações físicas, abrindo espaço para pensar tudo o que vem depois nessa ótica evolucionista.

Assim, o amor materno, não sendo natural, é uma construção, ou seja, uma vicissitude baseada numa espécie de compaixão, estamos no âmbito da desilusão. Esta, por sua vez, refere-se ao ideal materno, ou seja, a uma imagem intensamente investida antes do nascimento, que se desfaz quando surge a criança. Hilferding descreve, então, uma situação que só em 1914 será conceituada por Freud como “narcisismo”. Aliás, é

esse o poder dessa conferência: ela é o fundamento de um aparato conceitual elaborado mais tarde. Retornar a ela é, em grande parte, retornar ao fundamento da psicanálise.

Como observa bem mais tarde Piera Aulagnier (1991), o casal parental concebe inconscientemente o filho antes da gestação. Essa concepção, vicissitude evolucionista, é um conjunto de imagens e, como tais, idealizadas, construídas a partir do narcisismo parental. Assim, antes de existir, a criança é um ideal narcísico do casal parental, vale dizer, preenche aquilo que falta. Não há, portanto, como nota Hilferding, amor envolvido nessa concepção: há narcisismo. Quando se diz que a criança é o falo da mãe, a referência é narcísica e não amorosa. A gestação é um processo libidinal como é o narcisismo: o corpo da mãe encontra-se investido por uma quantidade de energia impregnada de imagens dos objetos anteriormente investidos pela mãe e agora, com a gestação, essas imagens retornam para seu corpo contendo o feto. São esses objetos intensamente investidos que compõem o ideal parental.

Não há como confundir narcisismo com amor. Porém, Hilferding dá um passo adiante bem antes do conceito de narcisismo. A dinâmica narcísica não é amorosa. Ao contrário, é marcada por um movimento libidinal natural, onde objetos investidos são desinvestidos retornando para o corpo da mãe. Esse movimento narcísico ocorre baseado na falta: tanto o investimento libidinal em objetos como a retirada da libido e o retorno ao corpo é um complexo movimento regido pela falta. Objetos, portanto, têm sempre um componente ideal, ou seja, existem para suprir a falta, aquilo que falta no ego sempre corporal. Porém, como hoje, depois de Freud, é sabido, o objeto falha, pois não atende à exigência do preenchimento da falta. O ideal é, pois, uma outra vicissitude narcísica visando atender a falta no ego.

O nascimento frequentemente provoca, como observa Hilferding, uma desilusão: o ideal não encontra correspondência na realidade. O bebê — produção narcísica — ao nascer deixa de ser o ideal. Do ponto de vista da mãe, fruto de uma ilusão, o bebê, por ser real, provoca uma desilusão. Ora, o objeto da desilusão passa, com frequência, a ser desprezado e até mesmo odiado, já que deixa de cumprir a função para o qual foi concebido.

Por outro lado, é essa situação que engendra, no bebê, o ideal. Visto como um ideal rejeitado, cria-se a condição no bebê de ter um ideal. Mas, cria-se, também, a condição de ter um ego rejeitado, ou seja, um corpo sobre o qual se abate a sombra do objeto.

O nascimento é, pois, uma perda que solicita um luto. Mas, como toda desilusão, solicita, também, a melancolia, ou seja, o luto interminável e a sombra do objeto se abatendo sobre o ego.

Essa dinâmica, por sua vez, é muito distinta do complexo de castração – outro conceito psicanalítico elaborado depois da conferência aqui citada.

A dinâmica narcísica é vertical: ocorre no eixo da ilusão-desilusão, ou seja, ideal-dejeto. O narcisismo não supõe a possibilidade de um ideal a ser alcançado pelo desejo. A questão narcísica está referida ao ego ideal, uma atribuição de sentido proporcionada pelo outro.

A dinâmica do complexo de castração, por sua vez, ocorre no eixo da perspectiva: naquilo que, bem mais tarde, será chamado de ideal de ego. Algo que não existe, mas que abre perspectiva para a existência do ego.

Na base, então, da constituição do aparelho psíquico há a melancolia, ou seja, a dinâmica narcísica. Nesta perspectiva, a melancolia é vista como uma dinâmica conflituosa entre ego e superego, entre ego e ego ideal que pode se constituir numa neurose, pela repetição. Antes, porém, de se manifestar como uma patologia, o fundamento da melancolia se encontra na própria existência do humano.

A melancolia, assim concebida, é resultado da desilusão materna que, por sua vez, ocorre graças ao investimento narcisista num objeto sexual natural. A desilusão, ocorrendo no nascimento, produz o ódio e o desejo de vingança frequentemente manifestado na depressão pós-parto, no horror parricida e outras manifestações de repúdio materno. Entretanto, diz Hilferding, o contato da boca com o seio reúne a mãe e o bebê. Trata-se, portanto, de um ato restaurador da unidade narcísica perdida no nascimento. Mas, como todo ato restaurador, resta sempre a marca da separação original, de uma perda que não termina, de um luto interminável ao qual Freud dá o nome de melancolia.

## Referências

- Aulagnier, P. (1991). O sentido perdido (ou o “esquizo” e a significação). In Chaim S. Katz (org.). *Psicose: uma leitura psicanalítica* (pp. 145-182). São Paulo: Escuta.
- Freud, S. (2006). Luto e melancolia. In *Obras psicológicas*. (vol. 2, pp. 99-122, Luiz Alberto Hanns, Coord. geral da trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1917).
- Freud, S. (1998). *Cartas entre Freud & Pfister. Um diálogo entre a psicanálise e a fé cristã*. Viçosa: Ultimato. p. 85.
- Hilferding, M., Pinheiro, T. & Vianna, H. B. (1991). *As bases do amor materno*. São Paulo: Escuta.

### MANOEL TOSTA BERLINCK

Sociólogo; psicanalista; Ph.D. pela Universidade de Cornell, Ithaca, N.Y., USA; professor aposentado da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp (Campinas, SP, Br); professor do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP (São Paulo, SP, Br), onde dirige o Laboratório de Psicopatologia Fundamental; presidente (2002-2014) da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental, editor de *Pulsional Revista de Psicanálise* e da *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*; membro da World Association of Medical Editors – WAME (Associação Mundial de Editores de Medicina); ex-diretor da Livraria Pulsional e da Editora Escuta, autor de diversos livros e numerosos artigos.

Rua Tupi, 397/103

01233-001 São Paulo, SP

e-mail: mtberlin@uol.com.br